

O PAPEL

Juro pelas barbas de seu avô Primo Viana, que encantaram a minha infância, juro pelas gargalhadas do nosso Newton — você está, meu querido Arizio, perdendo a grande chance do Dasp. Dirigindo o mais malquisto dos departamentos, você não pode pretender ser benquisto: mas neste momento você tem a oportunidade de promover um ato de justiça tão perfeito que atarria sobre a sua precocemente (gostou?) encanecida cabeça as bênçãos do povo e principalmente dos técnicos.

Um inglês milionário e anônimo está promovendo em todos os países do mundo um concurso para a ereção de um monumento ao prisioneiro político desconhecido. Mas ninguém se lembrou ainda, ao que eu saiba, em parte alguma do mundo, de homenagear o burocrata desconhecido — esse prisioneiro da escivaninha, do aviso e do regulamento, esse lutador obscuro da papelada. A música popular canta suas aflições e alegrias, desde a letra E até a letra O — ou melhor desde o pobre Barnabé até a nossa querida Maria Candelária. Mas estátua ninguém faz.

Ora, meu velho Arizio de Viana, essa estátua existe e em carne e osso. Seu nome não sei, mas é fácil saber: trata-se do presidente da Câmara Municipal de São João do Meriti. Ou você consegue que o presidente o mande inscrever no Livro do Merito, ou pelo menos o nomeie assistente filosófico do Dasp. Foi o caso (contado pelo sr. Soares Filho, contado pelo sr. Pedro Damas) de que morreu um vereador, e seu suplente quis tomar posse. O presidente exigiu a certidão de óbito.

— Mas v. exa. tomou conhecimento oficial da morte; v. exa. como presidente da Mesa praticou vários atos oficiais motivados por essa morte.

— A prova do falecimento e a certidão de óbito.

— Mas o morto foi velado neste recinto. O entêrio saiu desta sala, desta Câmara.

— A prova do falecimento é a certidão de óbito.

— Mas v. exa. segurou uma das alças do caixão!

— A prova do falecimento é a certidão de óbito.

E não se foi adiante, Arizio, enquanto o suplente não apresentou a certidão de óbito. Todos os argumentos esbarravam naquela frase irretorquível, perfeita, quase genial, que deveria ser gravada em mármore no frontispício do Dasp: "A prova do falecimento é a certidão de óbito".

— Só os mediocres, os anarquistas e os pobres-diabos, condenados a vida inteira a ser suplicantes ou requerentes e nunca autoridade, não perceberão a profunda beleza moral dessa frase. Eles jamais compreenderão que não podem existir sem certidão de nascimento, nem deixar de existir sem certidão de óbito. Que acima da vida e da morte, acima do bem e do mal, da felicidade e da desgraça, está esta coisa sacrossanta: o papel. E eu também quero fazer uma frase, e proponho que o Dasp mande gravá-la um dia no túmulo desse benemérito: "Ele amou o papel".